

As dinâmicas territoriais do comércio informal nas feiras do distrito de Aprazível, Sobral (CE)

The territorial dynamics of informal trade at the marketplace of the district of Aprazível, Sobral (CE)

Analine Maria Martins Parente

Universidade Estadual Vale do Acaraú, Sobral, CE, Brasil

analine.p@hotmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6400-6792>

Antonio Cardoso Façanha

Universidade Federal do Piauí, Teresina, PI, Brasil

ac.facanha.jh@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1658-1407>

RESUMO

O artigo se propõe a apresentar um estudo sobre as dinâmicas territoriais provocadas pela chegada de uma feira de negócios itinerantes, no distrito de Aprazível, em Sobral (CE). Tal atividade desencadeou um processo de reorganização de seu território, tanto físico com a construção de prédios, casas, estradas, sistema de esgoto *etc.*, como no modo de vida da população local. Entretanto, as mudanças ocorreram ao longo de décadas, já que as primeiras feiras, segundo relatos dos moradores mais antigos do distrito, datam de meados da década de 1960, como será descrito na contextualização mais adiante, embora as mudanças mais expressivas tenham ocorrido com a feira de confecção da atualidade. Para o desenvolvimento do presente trabalho, faz-se necessário o uso de alguns procedimentos que servirão de suporte à coleta de informações, como a realização de um levantamento bibliográfico e documental, a observação por meio de atividades de campo, aplicação de questionários e a realização de entrevistas informais. Os fluxos gerados pelas feiras no distrito, no decorrer dos últimos sessenta anos, mostram a dinâmica existente entre os diversos atores envolvidos a exemplo feirantes, compradores, a Associação e os moradores do distrito, tendo em vista as transformações recorrentes das relações espaciais favorecidas diante de tal atividade. Assim, a feira estabelece mudanças diversas, que, ao que tudo indica, irão continuar ao longo dos anos, graças às contribuições que oferece para o crescimento econômico e estrutural do distrito do Aprazível.

Palavras-chave: Aprazível, Feira, Território.

ABSTRACT

The paper proposes to show a study on the territorial dynamics caused by the arrival of a traveling business marketplace, in the district of Aprazível, in Sobral (CE). Such activity triggered a reorganization process of its territory, both physical with the construction of buildings, houses, roads, sewage systems, *etc.*, and in the way of life of the local population. However, the changes occurred over decades, since the first marketplace, according to reports from the oldest residents of the district, date from the mid-1960s as will be described in the context below, although the most significant changes have occurred with the present-day clothing marketplace. For the development of this work, it is necessary to use procedures to support the data collection, such as conducting a bibliographic and documentary survey, observing through field activities, applying questionnaires, and conducting informal interviews. The flows generated by the marketplace in the district, over the past sixty years, show the dynamics existing among the various actors involved, for example, marketers, buyers, the Association and the residents of the district, given the recurrent transformations of the spatial relations favored in the face of such activity. Thus, the marketplace establishes several changes, which, it seems, will continue over the years, thanks to the contributions it offers for the economic and structural growth of the Aprazível district.

Keywords: Aprazível, Marketplace, Territory.

1. INTRODUÇÃO

As feiras marcam a história econômica do Brasil, principalmente do Nordeste, contribuindo para a construção e a dinâmica no espaço, colocando essa forma de comércio como fonte geradora de emprego e renda para uma parcela da população que não possui trabalho ou capital fixo.

As pessoas optam por tal atividade em virtude da ausência de um mercado de trabalho formal com os direitos trabalhistas assegurados, pois a baixa qualificação do trabalhador faz com que ele se insira em outras formas de comércio, no caso, o informal, graças às facilidades oferecidas para seu funcionamento, tais como: mercadorias vendidas em grande quantidade e com pagamento à vista, ausência de fiscalizações do governo, além da não exigência de qualificação do trabalhador para atuar nesse segmento (SILVEIRA, 2004).

O estado do Ceará se inclui nesse processo. Essa atividade perpetuou-se e contribuiu para a formação do território cearense. Nas duas últimas décadas, amplificou-se e tornou-se mais complexa, visto que passou por transformações introduzindo uma nova dinâmica.

Nas cidades pequenas, na maioria das vezes, essas atividades ganham ainda mais destaque e visibilidade, modificando e estabelecendo territorialidades. Diante desse contexto, no distrito de Aprazível, município de Sobral (CE), a chegada de uma feira itinerante desencadeou um processo de reorganização do seu território, tanto físico (com a construção de pequenos apartamentos, casas, avenidas, sistema de esgoto *etc.*) como no modo de vida da população local.

Tal atividade econômica trouxe novas configurações para o distrito. No entanto, essas mudanças não são recentes, elas vêm ocorrendo ao longo de décadas, já que as primeiras feiras, segundo relatos dos moradores mais antigos do distrito, datam do final da década de 1960.

Entretanto, as feiras de antes, reconhecidas como tradicionais, não provocavam tanto impacto na formação do espaço quanto no contexto atual. A atual feira do Aprazível se difere dessas, iniciadas em 1960, pois provoca uma outra dinâmica econômica, espacial e territorial para o distrito, o que marca a singularidade em relação as demais.

Conflitos e disputas territoriais foram estabelecidos entre os atores envolvidos, como feirantes, sacoleiros de outros municípios e estados, moradores do distrito e a Associação dos Feirantes de Aprazível (AFA), entidade responsável pela administração e a organização da feira. Os conflitos são ocasionados devido à circulação de capital no ambiente de feira, onde o território passa a ser valioso para os que dele dispõem.

A respectiva atividade econômica proporcionou uma supervalorização dos terrenos, assim como crescimento no número de imóveis no local, oferta de serviços de restaurantes, lojas, lanchonetes e depósitos de construção. Algumas melhorias na infraestrutura do distrito também se tornaram realidade, a exemplo o saneamento básico, pavimentação asfáltica nas ruas, surgimento de novas vias públicas, implantação de uma torre de telefonia móvel.

A feira do Aprazível se caracteriza pelo predomínio na oferta de produtos industrializados e de confecções. A oferta de gêneros alimentícios, provenientes da agricultura, é pouco relevante, apesar de se fazer presente. Esse tipo de comércio de características ligadas à informalidade vem se difundindo pelo interior do Nordeste, repercutindo na economia local das cidades, sejam grandes, médias ou pequenas.

Sendo assim o presente trabalho analisa as dinâmicas territoriais decorrentes da Feira do Aprazível, Sobral (CE), correlacionando-as ao crescimento da informalidade, atual força de trabalho mobilizadora de relações econômicas e sociais que implica na construção de novas territorialidades.

O percurso metodológico iniciou com um levantamento bibliográfico sobre o tema em autores como Gonçalves (2019), que faz um estudo sobre as feiras do Nordeste, usando como um dos exemplos de análise a feira do Aprazível. A leitura de autores como Haesbaert (2010), Raffestin (1993), Heidrich (2002) foram essenciais para entender as dinâmicas territoriais da feira. Por fim, ocorreram as idas a campo para a realização de entrevistas, observações e registro fotográfico do recorte espacial em análise.

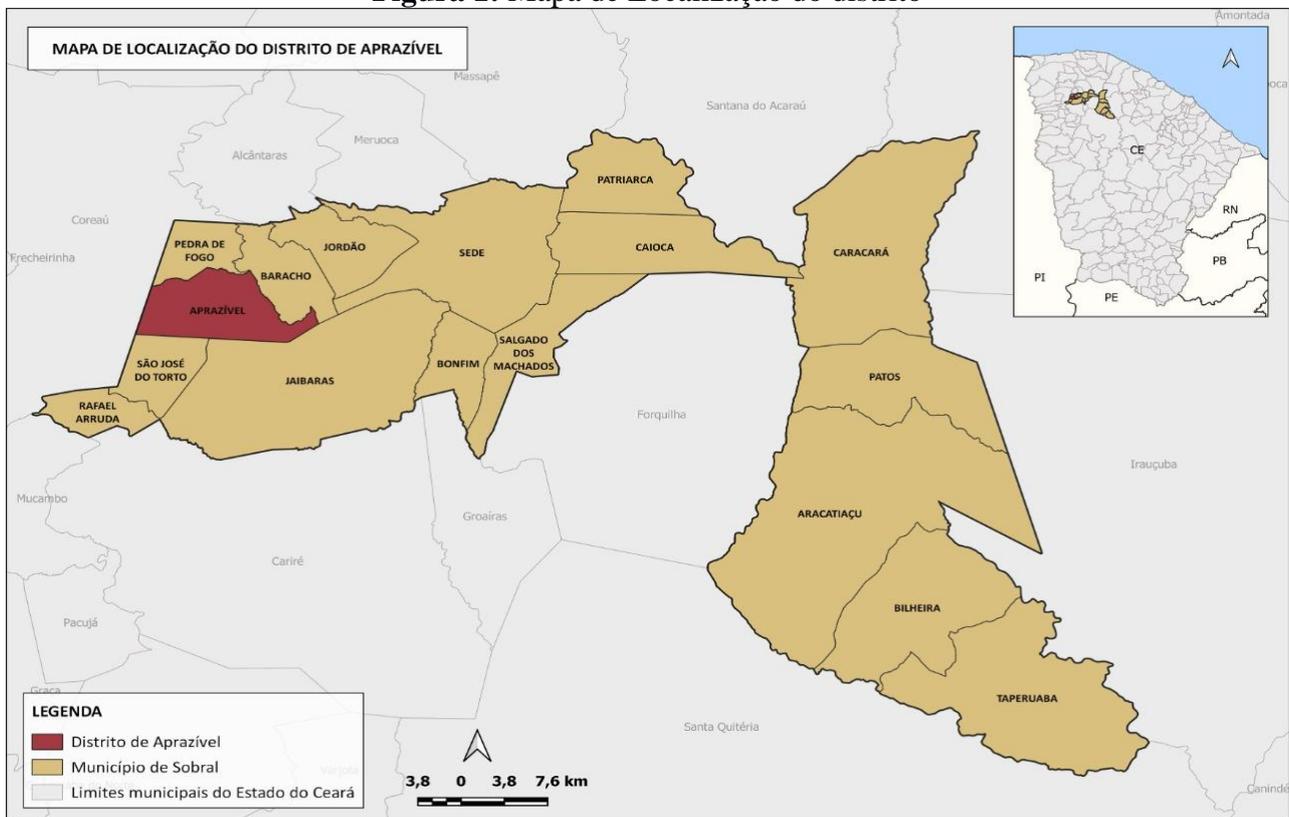
O contato com os processos estruturais, com as instituições e seus atores possibilitou a utilização do método empírico, em suas modalidades, tornando possível estabelecer relações de análise, as formulações conceituais e os procedimentos cotidianos das pessoas e entidades envolvidas no processo.

A discussão teórica do artigo obedece a seguinte estrutura: inicia com uma abordagem do contexto histórico das feiras no distrito, em seguida, uma discussão sobre a feira da atualidade, perpassando pelo entendimento da atividade comercial dentro da perspectiva do conceito de território e territorialidades.

2. APRAZÍVEL E AS FEIRAS DO PRETÉRITO

O distrito de Aprazível (**Figura 1**) está localizado nas proximidades da BR-222 e é atravessado pela CE-364. Com uma população de 4.935 habitantes, segundo dados do e-SUS (2018), o distrito foi anexado ao município de Sobral (CE), em 20 de maio de 1998, após a aprovação da Lei de nº. 175.

Figura 1: Mapa de Localização do distrito



Fonte: Ipece 2019; IBGE 2010 e Prefeitura Municipal de Sobral. **Design Cartográfico:** Catunda (2021).

Aprazível sempre foi um lugar pacato, em que a maioria das pessoas, ao longo dos anos, sobreviveu da renda de pequenos estabelecimentos comerciais e da agricultura, com hábitos típicos dos pequenos núcleos urbanos, haja vista que os moradores ainda costumam sentar-se na calçada e observar o ir e vir de quem passa nas ruas.

Em relação às décadas anteriores, o distrito possui um passado moldado a partir da existência de feiras de modelos tradicionais, distante da realidade da feira atual. A primeira feira de que se tem informação ocorreu entre meados das décadas de 1960 e 1970, em um galpão onde atualmente se encontram algumas residências.

A feira funcionava aos domingos, próximo a uma área onde há, na atualidade a escola municipal Antonio Custódio de Azevedo. Os feirantes eram originários tanto das localidades vizinhas assim como do próprio distrito e vinham a convite do Dr. Antonio Custódio, conhecido como fundador e “benfeitor” local, que, após ter êxito no exercício da profissão de Medicina, como médico, e na política, como deputado, resolveu comprar lotes de terra e construir uma casa para descanso.

Por ser uma pessoa influente, conseguiu, junto ao governo da época, a rede de abastecimento de água, construção de um posto de atendimento médico, capela e a feira de agricultores, articulação feita por ele para atrair os pequenos produtores da região e movimentar o comércio local (AZEVEDO, 1986).

A feira desse período era livre, os feirantes eram agricultores e pecuaristas que comercializavam os excedentes da produção. Tais elementos corroboram com Forman (2009) ao dizer que:

desde os primórdios da colonização o camponês brasileiro tem sido um vendedor de gêneros alimentícios em feiras locais, enquanto a maior parte da produção dos camponeses era certamente destinada para o consumo doméstico, o fato de se destinar os excedentes para a venda marcou o princípio de uma atividade comercial no campo brasileiro (FORMAN, 2009, p. 46).

O fechamento do Hotel Aprazível, ocorrido em meados das décadas de 1970 e 1980, trouxe implicações diretas no funcionamento da feira, pois reduziu o fluxo de pessoas no território, diminuindo o número de clientes que compravam os produtos. Inclusive, a feira deixou de existir por alguns anos, sendo reiniciada no final da década de 1980, em um local próximo à BR-222, em que se utilizava de estruturas simples para expor as mercadorias, pois eram colocadas em bancadas, ou mesmo no chão sob madeira ou lona.

A dinâmica comercial da feira acontecia uma vez por semana, mais precisamente aos sábados, iniciando às cinco horas da manhã e finalizando por volta de nove horas. Os compradores vinham das localidades vizinhas ao distrito, como Jordão e Baracho, São Domingos, Ipueirinhas e Gonçalo Alves, localidade pertencente ao distrito de São José do Torto.

De acordo com os relatos dos moradores mais antigos do distrito, nos dias de funcionamento, devido ao fluxo de pessoas que vinham a cavalo, de bicicleta, ou nos caminhões “pau-de-arara”, o distrito “ficava movimentado”.

Essa movimentação condiz com a realidade exposta por Santana (2010, p.17) ao afirmar que “o dia da feira ainda é um importante marco temporal, tanto para os moradores da sede como para os da área rural, pois é o momento de receber parentes, amigos de outros lugares, moradores antigos recebem moradores novos”.

A feira que ocorria no distrito nessa época era tipicamente “do interior”, tradicional, desde a sua estrutura até os produtos comercializados. Semanalmente, eram vendidas as seguintes mercadorias: farinha, feijão, milho, verduras, frutas, animais (bovinos, caprinos, suínos e aves), queijo, leite, rolo de fumo, barril de cachaça, ovos, arreios para animais, faca, bolo (kg), cangalhas, tecidos, redes, panelas, jarros e potes de barro. Isso condiz com a realidade do Brasil no século XIX, em que a maioria das comunidades ditas do interior, cultivavam gêneros alimentícios para o consumo e o restante era destinado para as feiras locais (FORMAN, 2009).

Nesse sentido, compreende-se que as feiras tradicionais são lugares que, além de fornecerem mercadorias para os consumidores, proporcionam também distração e divertimento. Portanto, o papel desempenhado por elas é muito importante não só economicamente, como também socialmente (GUIMERO CLEPS, 2006).

Com moldes tradicionais que se diferem do modelo de comércio na atualidade, a feira funcionou até o início dos anos de 1990, quando os produtores passaram a comercializar os produtos não mais no Aprazível, mas nas feiras dos municípios de Mucambo e Frecheirinha, que são limítrofes. A busca por outros lugares se deu em virtude da oportunidade de um comércio mais promissor.

Assim, em se tratando das atividades provenientes do comércio no distrito, a chegada de uma nova feira em julho de 2001, anos após as anteriores, trouxe uma expressiva transformação no espaço local, modificando a sua organização, estabelecendo novas relações, tanto nos modos de vida como na sua definição territorial.

O fenômeno da terceirização da produção acaba por alterar os elementos da realidade que o cercam, tanto no que diz respeito ao espaço assim como as relações sociais entre os indivíduos inseridos no contexto, haja vista que o comércio e os serviços informais apresentam-se como uma alternativa aos problemas relacionados à geração de emprego e renda, especialmente nas proximidades das cidades médias brasileiras, conforme Silveira (2004), pontos de diversificação da produção e da mão de obra, considerados locais de concentração de crescimento econômico e exclusão a partir de políticas desenvolvimentistas governamentais.

3. A FEIRA DO SÉCULO XXI

A feira trazida para o distrito — antes conhecida era como “Shopping-chão”, pois as mercadorias eram expostas no chão sobre lonas ou tecidos — localizava-se na sede do município de Sobral, na Praça da Meruoca, atual Praça de Cuba, cujo solo urbano é bastante valorizado no centro da cidade, segundo Gonçalves (2019):

na Praça da Meruoca, teve início uma feira livre nos anos 1990 (1994-95). Segundo o relato dos feirantes com quem podemos conversar, a feira se originou de pequenos fabricantes e feirantes que vinham de Fortaleza uma ou duas vezes por semana para comercializar a confecção fabricada na Capital cearense (GONÇALVES, 2019, p. 106).

A localização privilegiada passou a gerar insatisfação entre os comerciantes do entorno, principalmente porque o número de barracas e feirantes aumentava com o passar dos anos, diante dessa realidade os lojistas solicitaram à Câmara dos Dirigentes Lojistas de Sobral (CDL) o deslocamento da feira para um bairro afastado do centro comercial, para que desse modo não influenciasse nas vendas do comércio, fixando-a numa área onde seria construído o “Mercado novo”, onde fica o atual Centro de Convenções.

Entretanto, apesar de ter sido transferida para uma área mais afastada do centro da cidade, a feira continuou a interferir nas vendas do comércio formal em virtude dos baixos preços das mercadorias expostas, assim como o fluxo de pessoas que nos dias de funcionamento se concentrava nas proximidades do seu entorno. Tais fatores contribuíram para que os lojistas considerassem novamente transferi-la, mas, dessa vez, para um espaço mais afastado da cidade.

E em decorrência de tantas reclamações e a exigência da retirada da feira do espaço urbano, transferiram-na da sede do município, para o distrito de Aprazível em julho de 2001. A transferência da feira ocorreu, segundo relatos dos feirantes mais antigos que participaram do processo de deslocamento, com a ajuda de um vereador local.

A feira iniciou o funcionamento aos sábados, por volta das 3h da madrugada, com aproximadamente 400 barracas, alocadas em um ambiente sem infraestrutura para receber feirantes provenientes em sua maioria de Fortaleza, capital do estado do Ceará, região metropolitana e sacoleiros que viriam de alguns estados do Nordeste, como Piauí, Maranhão, Rio Grande do Norte.

No entanto, a expressividade da feira não se limita apenas ao Nordeste, tendo em vista que no decorrer do ano também ocorrem excursões duas vezes por mês de sacoleiros vindos do Pará e uma vez por ano do Amapá, o que a diferencia da feira anterior, em que os seus compradores eram moradores locais ou provenientes de distritos vizinhos.

A dinâmica gerada pelo comércio de confecções ganhou dimensões que atraiu não somente os sacoleiros, mas um número maior de feirantes que se interessaram pela feira e atualmente são

aproximadamente 900 barracas com produtos diversificados, atendendo cerca de três mil sacoleiros por semana.

Os fatos descritos corroboram com Gonçalves (2019, p. 112) ao afirmar que a feira do Aparaí é a mais representativa da rede de feiras de confecção do noroeste cearense, visto que atrai mais feirantes e compradores de municípios próximos, de outros estados e até de outras regiões.

Com a chegada de tal atividade comercial, fez-se necessário a criação de uma entidade com representantes da própria feira que estivessem à frente da organização dos serviços, tendo em vista que a única intervenção da Prefeitura de Sobral se deu em virtude de realizar a transferência da feira da sede do município, para o distrito em julho de 2001.

Assim, na ausência de ações organizacionais por parte da Prefeitura, em 2002, a Associação dos Feirantes do Aparaí (AFA) foi criada, uma entidade administrativa composta por feirantes, com a finalidade de estabelecer a organização estrutural e cuidar da arrecadação financeira das barracas.

A Associação cobra uma taxa semanal de R\$ 30,00 por barraca e o dinheiro arrecadado é utilizado no pagamento dos prestadores de serviços, tais como seguranças, cobradores, técnico de enfermagem, zeladores, eletricitas, cozinheiro, agente administrativo, locutor do sistema de autofalante, aqueles que cuidam do espaço da feira, da manutenção de um ambulatório de primeiros socorros, consertos das barracas quebradas, assim como das atividades de divulgação desenvolvidas pelos administradores.

No que diz respeito a regularização dos feirantes, é importante salientar que esse processo é feito pela Associação. Logo que a primeira equipe administrativa tomou posse, cadastrou cada feirante em sua respectiva barraca e, para facilitar, organizou-as em ordem alfabética e numérica. Essa iniciativa foi adotada como forma de regularizar a propriedade de cada barraca, impedindo o uso desta por alguém que não seja o proprietário.

Essa organização da feira se faz necessária tendo em vista que a sua expressividade não se limita ao território do distrito, pois a variedade tipológica e o baixo custo da mercadoria a colocam como uma atividade comercial relevante para a região, atraindo sacoleiros de 23 municípios da região Norte do estado, informações constatadas por meio das entrevistas realizadas com os proprietários de ônibus e sacoleiros.

Os administradores da Associação, por meio da divulgação nas redes sociais no *Instagram* e *Facebook*, elementos que dão visibilidade e atraem sacoleiros dos estados vizinhos, os quais se deslocam em ônibus, micro-ônibus e carro particular (**Figura 2**), oferecem incentivos como o pagamento de 25% da passagem dos sacoleiros, hospedagem, banho e café da manhã para os sacoleiros e coordenadores de excursão que frequentam a feira semanalmente.

É importante ressaltar que, diferentemente das feiras anteriormente existente no distrito, a atual atividade comercial apresenta produtos sofisticados condizentes com a era globalizada (CDs e DVDs, *pendrives*, relógios, celulares e importados). Conforme afirma Silveira (2004):

se os objetos vinculados às telecomunicações e a reparação de máquinas de base industrial amplia o universo do circuito superior marginal pela demanda de qualificação e de instrumentos específicos, a reparação de boa parte da atual base material e doméstica fundada no consumo globalizado se refugia frequentemente no circuito inferior (SILVEIRA, 2004, p. 02).

A comercialização de outra tipologia de produtos também se faz presente, como artesanatos em geral, redes, bordados, arranjos florais, bijuterias, cintos, bolsas, calçados feitos de couro, alumínio, relógio, capas para celular, óculos de sol, entre outros artigos, produtos esses que são comercializados tanto nas barracas, quanto com os ambulantes no entorno (**Figura 3**). Essa realidade a difere da anterior, que comercializava apenas mercadorias provenientes da agricultura familiar, tais como milho, feijão, frutas e verduras.

Figura 2: Estacionamento atrás da feira



Fonte: Elaborado pelos autores (2020).

Figura 3: Ambulantes no entorno da feira



Fonte: Elaborado pelos autores (2020).

A mudança no seu conteúdo traz alterações no espaço que a rodeia e, após alguns anos da chegada da feira ao distrito, o ambiente vem passando por um processo de transformação territorial, com a construção dos chamados objetos geográficos (SANTOS, 2006), tais como a reestruturação das lojas, o que impõe um novo padrão arquitetônico ao espaço urbano; novas formas de fabricação; manutenção de serviços não modernos; vendas a varejo e atacado, além do crescimento do comércio em pequena escala.

As consequências desse processo se materializam na valorização do solo urbano, por meio do aumento nos valores do metro quadrado dos terrenos, que custavam entre R\$ 15,00 e R\$ 25,00 e, atualmente, custam de R\$ 50,00 a R\$ 70,00 — uma realidade que não acontece somente na área central, mas também periférica e que tem se intensificado com o passar dos dias.

Na atualidade, as feiras já se moldaram dentro da realidade da globalização e das necessidades de cada consumidor, os produtos que são comercializados atraem o interesse de quem vai comprar, pois estão ligados à moda e aos similares das marcas, por esse motivo, os feirantes investem na apresentação de novas mercadorias semanalmente. Nessa realidade, o comércio se aprimora e se diversifica, além de contribuir para a formação de setores mais dinâmicos.

Para tanto, os fluxos gerados pelo comércio informal (feiras) no distrito no decorrer dos últimos cinquenta anos mostram a dinâmica existente entre os diversos atores envolvidos (feirantes, compradores, administradores/organizadores e moradores do distrito) e as transformações recorrentes das relações espaciais favorecidas diante de tal atividade.

4. TERRITÓRIO E TERRITORIALIDADES DA FEIRA

O conceito de território perpassa pelo sentido das relações de poder, sendo este um produto da apropriação simbólica de um determinado grupo em relação ao seu espaço vivido (HEIDRICH, 2002), passando a ter materialidade por meio das manifestações do capital em suas diversas espacialidades e abrangência, considerando os atores envolvidos.

Dentro dessa perspectiva, o poder da feira cresce na proporção do aumento de compradores e de seu raio de abrangência, haja vista serem pessoas de diferentes estados e municípios que circulam semanalmente em busca de produtos de qualidade por preços cada vez mais acessíveis ao consumidor.

Entretanto, a extensão geográfica proporcionada por tal atividade ganha outros rumos, novas cidades, expandido a materialidade da feira e das relações de compra e venda estabelecidas na referida atividade comercial. E essa extensão cresce à medida que o capital se expande: de 2001 até janeiro de 2020, houve crescimento da ordem de mais de 100%, especialmente no que diz respeito ao valor dos terrenos no Distrito, principalmente no entorno da feira.

O entendimento da feira mostra que o capital, em seu processo de reprodução, se expande tanto em profundidade, como reorganizando os modos de vida e espaços já organizados e consolidados, através da incorporação de novos territórios e novas formas de mercantilização.

No caso do Aprazível, é possível citar como exemplo o processo de organização dos donos de lanchonetes e restaurante localizados nos arredores da feira, que começam a organizar seus pontos comerciais dias antes da sexta-feira. Os proprietários de imóveis ocupados pelos feirantes também fazem a limpeza e manutenção no dia que antecede o funcionamento da feira. Esses estabelecimentos citados, como restaurantes, pousadas/hospedagem, interrompem suas atividades nos dias que a feira não funciona.

Assim, o território passa a ser visto, antes de tudo, na perspectiva de sua utilidade como instrumento de domínio, a fim de atender às necessidades humanas, conforme frisa Haesbaert (2010). Portanto, o conceito de território é o elemento central de análise do referido estudo, no sentido de que as dinâmicas territoriais verificadas nessa atividade tendem a se projetar sobre o espaço estabelecendo relações de poder, definidoras de (re)apropriação territorial dos atores envolvidos e suas atividades comerciais. Conforme afirma Santos (2013):

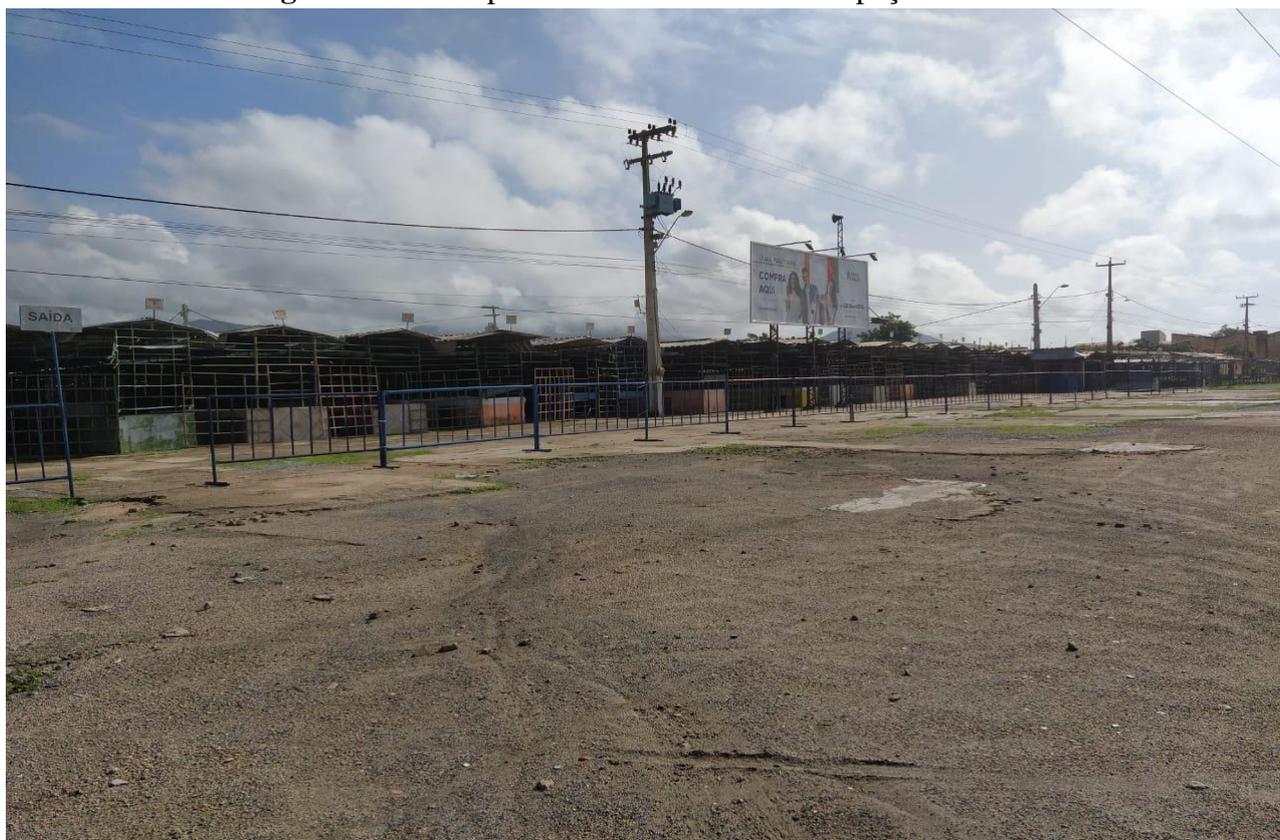
As feiras livres de um modo geral possuem elementos e características passíveis de uma leitura geográfica no âmbito da compreensão dos espaços apropriados, no sentido de haver os feirantes disputando entre si/ou com o poder público municipal, territórios, buscando sua (re) afirmação no contexto de produção do espaço urbano frente esse período meio técnico-científico-informacional (SANTOS, 2013, p. 42).

Desse modo, pode-se entender as feiras como espaços marcados por multiterritorialidades, que apresentam dinâmica própria nos dias de sua realização, com relações materiais e imateriais, em que o território emerge como elemento central, palco das manifestações cotidianas de poder: poder da AFA, dos seguranças, comerciantes locais, sacoleiros, proprietários de terrenos e imóveis, dos topiqueiros que transportam sacoleiros, dos donos de lanchonetes.

Raffestin (1993) afirma que o território revela as relações marcadas pelo poder. Nesse sentido, as relações de poder travadas no espaço da feira marcam disputas que se refletem diretamente ou incidem sobre ela e se originam a partir da Associação para com os feirantes e, conseqüentemente, para com os que a frequentam, alterando horários de funcionamento, controlando territórios para a fixação das barracas e cobrando taxas pelos serviços prestados.

Atualmente em virtude da pandemia da Covid-19, a instituição optou por fixar grades no entorno para controlar o acesso ao espaço intrafeira (**Figura 4**). No entanto, apesar das medidas seguindo as normas sanitárias, sacoleiros e feirantes ainda resistem a obedecer ao que dita os protocolos.

Figura 4: Grades para controlar o acesso ao espaço intrafeira



Fonte: Elaborado pelos autores (2020).

No caso da feira de Aprazível, cada feirante respeita o “microterritório” do outro. Quando um ultrapassa o limite estabelecido, ocorrem conflitos, hostilidades e animosidades. A construção de novos territórios na feira implica em diversos tipos de conflitos entre os atores que territorializam o

espaço ou entre os detentores dos espaços, como é o caso dos proprietários de terrenos e a Associação que travam discussões referentes ao controle e propriedade do terreno da feira. De acordo com Santos (1998):

Os territórios são espaços de ação e de poderes. Os territórios contemporâneos têm diferentes inserções na globalidade que é historicamente globalizada. Os novos territórios estão sendo formados e transformados em todas as partes sobre os escombros das desterritorialidades, da luta de classes ou das novas fontes especializadas de produção de mercadorias. (SANTOS, 1998, p. 271).

Contudo, outros tipos de conflitos entre os envolvidos se fazem presentes: há alguns anos atrás, a disputa foi algo de grande intensidade, especialmente no período das eleições para Presidência da Associação dos Feirantes, sendo necessária a intervenção da administração, que solicitou apoio junto à Secretaria de Segurança Pública do Estado através de reforço policial, pois as insatisfações nos dias de realização da eleição geravam agressões verbais e físicas entre os feirantes e os candidatos a gestores da feira.

A primeira equipe da administração eleita pelo voto da maioria dos feirantes foi marcada por inúmeros incidentes associados a agressões físicas, segundo relatos de alguns funcionários que trabalharam nesse período, pois, quando algum feirante estava em situação de inadimplência com os pagamentos das taxas de manutenção das barracas, esses administradores usavam de agressões físicas ao efetuarem a cobrança dos valores pendentes.

Esse problema descrito acima contradiz com os elementos necessários para a escolha democrática de um líder que ocupará um cargo de poder em um determinado território, fato esse esclarecido na citação de Arendt (1985, p. 24 *apud* SOUZA, 2012, p. 80):

Quando dizemos que alguém está “no poder” estamos na realidade nos referindo ao fato de encontrar-se esta pessoa investida de poder, por um certo número de pessoas, para atuar em seu nome. No momento em que o grupo, de onde originara-se o poder (*potestas in populo*, sem um povo ou um grupo não há poder), desaparece, o seu poder também desaparece.

Os abusos de poder citados se refletiram diretamente nos resultados das eleições nos anos posteriores, visto que o grupo não conseguiu se reeleger para o mandato seguinte devido às medidas de controle impostas e agressões realizadas durante a gestão anterior.

Na atualidade, as animosidades e conflitos não são mais uma realidade. Nos últimos anos, a eleição tem ocorrido com chapa única, pois poucos feirantes apresentam interesse em concorrer no processo eleitoral, muitos afirmam dispor de pouco tempo para se dedicar as ações administrativas que o trabalho na Associação requer.

Contudo, a feira não tem dono/proprietário, apesar do conceito de território implicando a posse ou o exercício do poder sobre algo/alguém, posto que muitos encontram nela a única possibilidade de geração de renda, mas o que acontece é que a circulação financeira (capital gerado) em seu espaço fez surgir um campo de forças, no qual os atores envolvidos (sacoleiros, moradores do Distrito, feirantes, Associação) querem se sobressair uns sobre os outros a fim de controlar e estabelecer a organização e o controle da feira.

5. CONCLUSÃO

Diante da contextualização e teorização realizada acima, afirma-se que a feira, seja a tradicional ou a moderna, sempre trouxe influências e transformações ao distrito de Aprazível, moldando as dinâmicas no território e os espaços de convivência locais e em seu entorno, tanto entre

os feirantes antigos quanto os moradores e os demais produtores rurais que viviam nas localidades vizinhas.

Desse modo, a feira cresce enquanto sistema comercial e ganha reconhecimento frente aos municípios do Ceará e/ou de outros estados próximos, devido ao acesso e localização privilegiada, assim como preços adequados para uma diversidade de compradores, gerando capital e empregos diretos/indiretos, transformando a qualidade de vida local.

O espaço da feira molda as relações e as dinâmicas em/no seu entorno, gerando uma extrema dependência do fenômeno informal e, ao mesmo tempo, uma intensa disputa territorial pelo controle do poder, tendo em vista o capital gerado por ela nos dias de funcionamento.

Nesse sentido, estabelece transformações diversas, agregando ao distrito estruturas que não condizem com a realidade do lugar, como é o caso das pousadas para atender os sacoleiros e feirantes. No entanto, essas transformações no território poderão continuar ao longo dos anos, graças às contribuições que a feira traz para o crescimento econômico e estrutural do distrito de Aprazível.

A referida pesquisa analisou as dinâmicas territoriais decorrentes da feira, correlacionando-a com o crescimento da informalidade e constatou-se que apesar dos conflitos pelo controle territorial, principalmente entre os atores envolvidos (sacoleiros, administradores e moradores do distrito), a atividade comercial é a atual força motriz que impulsiona a geração de empregos diretos e indiretos nos dias em que ela funciona.

Portanto, a Geografia contribui com os estudos acerca da temática, desvendando as dinâmicas ocasionadas pelas feiras do ponto de vista dos conceitos da ciência geográfica, assim como as territorialidades destas no Nordeste brasileiro.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, A. C. de. **O poder da força de vontade**. Sobral: Imprensa Oficial do Ceará, 1986.

GUMIERO CLEPS, G. D. O comércio e a cidade: novas territorialidades urbanas. **Sociedade & Natureza**, v. 16, n. 30, 18 abr. 2006. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/sociedadennatureza/article/view/9183/5648>. Acesso em: 21 fev. 2021.

FORMAN, S. **Camponês: sua participação no Brasil**. Rio de Janeiro: Biblioteca Virtual de Ciências Humanas, 2009.

GONÇALVES, L. A. A. **A metamorfose da feira nordestina: a inserção da confecção popular**. São Paulo: Blucher/ Edições UVA, 2019.

HAESBAERT, R. Território e multiterritorialidade: um debate. **Geographia**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 17, p. 19-46, 8 fev. 2010. Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação - UFF. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13531>. Acesso em: 18 fev. 2021. <http://dx.doi.org/10.22409/geographia2007.v9i17.a13531>.

HEIDRICH, Á. L. Espaço, Território e Cidadania. **Caesura – Revista Crítica de Ciências Sociais e Humanas**. Nº 21, p. 73-76. Canoas, 2002. Disponível em: <https://docero.com.br/doc/s5c550n>. Acesso em: 28 fev. 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Cartas e mapas - 2010**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/cartas-e-mapas/mapas-municipais.html>. Acesso em: 28 fev. 2021.

INSTITUTO DE PESQUISA E ESTRATÉGIA ECONÔMICA DO CEARÁ – IPECE. **Base Cartográfica Digital 2019 – Sobral**. Disponível em: <http://www2.ipece.ce.gov.br/estatistica/base/base.htm>. Acesso em: 28 fev. 2021.

MORE: **Mecanismo online para referências, versão 2.0**. Florianópolis: UFSC REXLAB, 2013. Disponível em: <http://www.more.ufsc.br/>. Acesso em: 20 mai. 2021.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SOBRAL – PMS. **Divisão distrital de Sobral**. Disponível em: http://seuma.sobral.ce.gov.br/media/com_download/files/20180831160810.pdf. Acesso em: 28 fev. 2021.

RAFFESTIN, C. **Por uma Geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

SANTANA, A. N. C. O urbano no semiárido: pequenas cidades do Ceará em discussão. In: FREITAS, Nilson Almino de; MARIA JÚNIOR, Martha; HOLANDA, Virgínia Célia Cavalcante de. Múltiplos olhares sobre a cidade e o urbano: Sobral e região em foco. **Sobral**: Uece/ Uva, 2010. p. 13-37.

SANTOS, M. **A natureza do espaço. Técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Edusp, 2006.

SANTOS, M.; SOUZA, M. A. A. de; SILVEIRA, M. L. (org.). **Território**: globalização e fragmentação. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1998.

SANTOS, J. E. dos. Feiras livres: (re)apropriação do território na/da cidade, neste período técnico-científico-informacional. **Geografia Ensino & Pesquisa**, [S.L.], v. 17, n. 2, p. 39-56, 17 set. 2013. Universidade Federal de Santa Maria. <http://dx.doi.org/10.5902/2236499410771>. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/geografia/article/view/10771/pdf>. Acesso em: 15 fev. 2021.

SILVEIRA, M. L. Globalización y circuitos de la economía urbana en ciudades brasileñas Cuadernos del Cendes. **Caracas**, v. 21, n. 57, p. 3-22, set. 2004. Disponível em: http://ve.scielo.org/scielo.php?pid=S1012-25082004000300002&script=sci_abstract&tlng=en. Acesso em 28 jan. 2021.

SOUZA, M. J. L. de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CÔRREA, Roberto Lobato. **Geografia**: conceitos e temas. 14. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012. Cap. 3. p. 77-116.



Informações sobre a Licença

Este é um artigo de acesso aberto distribuído nos termos da Licença de Atribuição Creative Commons, que permite o uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o trabalho original seja devidamente citado.

License Information

This is an open access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which allows for unrestricted use, distribution and reproduction in any medium, as long as the original work is properly cited.